

A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AO TRABALHO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA

TATIANE MENA SILVEIRA MELGARES¹; JULIANA MARQUES DE FARIAS²;
MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE³

¹ Universidade Federal de Pelotas – tatitimena@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – teacherjulianafarias@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – maianeho@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, desde março de 2020, a pandemia de Covid-19 vem convocando as instituições escolares a uma modificação de suas práticas. Inúmeros têm sido os desafios de professores, coordenadores, gestores e de representantes públicos relacionados à educação na modalidade remota, cada qual em sua esfera de atuação. Os diferentes atores sociais envolvidos no processo educativo vêm experienciando de modo singular as consequências das decisões dos órgãos responsáveis. As famílias, especialmente, vêm enfrentando contextos educacionais muito distintos e, a partir da qualidade das relações família e escola, compreendendo melhor os pressupostos pedagógicos que orientam a ação dos profissionais da educação. Diante desse contexto, temos discutido essas percepções no Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (LabForma), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/CNPq), buscando compreender a percepção das famílias em relação ao fazer pedagógico dos profissionais da educação infantil durante o período pandêmico.

Instados por estas discussões, elaboramos um questionário *online*, a fim de compreender: **qual é a percepção das famílias sobre o trabalho denominado ensino destinado à educação infantil?** Logo, o presente resumo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre as crenças compartilhadas no âmbito familiar em relação ao papel da educação infantil na vida das crianças nos dias atuais. O aporte teórico conta com os seguintes autores: Benjamin (2002), Novaes (2015), Sarmiento (2001, 2003).

Novaes (2015) afirma que as crenças pertencem ao campo dos sentimentos, de modo que, para elas, a razão lhe é estrangeira. “As crenças são, pois, fenômenos afetivos – sentimentos, paixões – anteriores aos fenômenos intelectuais – reflexão, pensamento, razão.” (NOVAES, 2015, p. 212). Desse modo, torna-se pertinente investigar essas percepções familiares que abrangem a área da educação no que tange à realidade da escola, especificamente à etapa da educação infantil.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi pensada a partir de uma abordagem qualitativa e que, de acordo com Yin (2016, p. 07)

[...] abrange condições contextuais - as condições sociais, institucionais e ambientais em que as vidas das pessoas se desenrolam. Em muitos

aspectos, essas condições contextuais podem influenciar muito todos os eventos humanos.

O instrumento adotado para a busca de resultados da pesquisa foi um questionário com cinco perguntas encaminhado (através do *google forms*) para quatro famílias com crianças em idade escolar entre 4 e 5 anos, de diferentes escolas públicas municipais, de Pelotas e Jaguarão. Sobre o contexto social desses participantes, notamos que as quatro famílias vivenciam a primeira experiência com seus primogênitos na educação infantil e também possuem (pelo menos o pai ou a mãe) ensino superior completo. Três crianças estão frequentando seu primeiro ano (4 anos de idade) na escola e apenas uma delas está no segundo ano (5 anos de idade).

Segundo Goldenberg (2004), uma das vantagens do questionário é que é menos dispendioso e não exige grandes habilidades para aplicação, característica essa que facilitou a sua aplicação para as famílias em um contexto pandêmico. A forma *online* de aplicação também foi considerada de acordo com o acesso e contato das famílias, via *Whatsapp*. Santhiago e Magalhães (2020, p. 05) apontam que “mudanças tecnológicas reorientam hábitos, costumes e práticas medulares para a comunicação humana; e novas modalidades de comunicação transfiguram gêneros do discurso, seus conteúdos e modos de dizê-los”.

A seguir, apresentamos a análise hermenêutica dos dados, buscando compreender os pressupostos das famílias, de acordo com os dados obtidos no questionário aplicado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As opiniões e os posicionamentos frente ao ensino remoto, desde o modo como a família reage a uma criança que está indisposta e não está, por exemplo, disposta para desenvolver uma atividade impressa em folha, até o tipo de relação estabelecida com a instituição escolar, expressam um conjunto de crenças sobre o que venha a ser o papel da educação infantil. Novaes (2015, p. 166) sinaliza que crenças podem ser compreendidas como “[...] os ideais políticos, os valores morais e éticos, as novas visões de mundo, as construções imaginárias nas artes, enfim, tudo aquilo que Paul Valéry define como coisas vagas, isto é, tudo aquilo que se opõe aos fatos ou à realidade.”

Visto que nossa sociedade historicamente deslegitima as aprendizagens das crianças no cotidiano, a hipótese que orienta esse estudo é que os núcleos familiares avaliem a ação pedagógica dos professores tomando por base pressupostos inconsistentes sobre a educação infantil. Quando questionadas se o trabalho desenvolvido na escola de seus filhos é ou não, na sua opinião, adequado ao desenvolvimento da criança, três famílias concordaram com o tipo de trabalho, caracterizado por atividades impressas e distribuídas aos pais para serem desenvolvidas no ambiente doméstico. Essa concordância realça a crença de que o cumprimento de atividades “prontas” seriam suficientes para o desenvolvimento da criança. Além disso, evidencia-se um pressuposto de que as aprendizagens das crianças deveriam, de uma forma ou outra, deixarem rastros, sendo esses registros físicos ou digitais. Esses pressupostos de aprendizagem são compartilhados entre escola e famílias, uma vez que todas as famílias afirmaram que esperam da

professora de seu filho/sua filha um registro do desenvolvimento da atividade seja enviado, seja em papel ou por uma publicação em plataforma digital.

Porém, contraditoriamente, a maioria das famílias aponta a falta de convivência das crianças com seus pares na modalidade do ensino remoto, embora dêem ênfase a esse convívio como fator recreativo e não como possibilidade de troca de aprendizagens e o próprio desenvolvimento integral. Sarmento (2001, p. 27) menciona:

Perante as formas e os dispositivos de comunicação modernos, cabe à escola recusar (na linguagem de Paulo Freire) o estatuto de “banco”, de capitalização e transmissão de saber, para se constituir como “um sítio hermenêutico”, isto é, um espaço de intercâmbio, recepção e reconstrução de saberes gerados na diversidade cultural, e de interrogação crítica do mundo.

Sabemos das problemáticas enfrentadas na escola em decorrência da pandemia, porém os posicionamentos das famílias frente ao ensino remoto reforçam a crença de que, independente do contexto atual, as atividades físicas são aquelas que demonstram e caracterizam para as famílias o trabalho do professor, mesmo que sejam desenvolvidas em ambiente doméstico. Essa percepção confirma-se através da concordância de todas as famílias, quando questionadas se estão ou não satisfeitas com as escolhas pedagógicas e metodológicas dos professores.

Quando questionados sobre o que a escola poderia fazer para, por exemplo, melhorar o atendimento na modalidade de ensino remoto às crianças, as famílias demonstraram uma certa passividade, respondendo que “a escola faz o que pode”. Percebemos a expressividade da crença de que é real o “despreparo da escola para o momento atual”, de modo que as famílias passam a esperar das instituições educativas o tipo de educação à qual estão mais familiarizadas, mesmo que tais práticas pedagógicas carreguem fortes traços de uma pedagogia tradicional e escolarizante para a educação infantil. Assim, essa aceitação e aparente passividade em relação às propostas pedagógicas ilustram uma série de expectativas equivocadas em relação à infância, às crianças e ao papel da educação infantil. Tais expectativas podem estar reforçadas pela crença das famílias que talvez conciliam o fato das crianças estarem na escola com práticas mais adultizadas. Neste sentido, Benjamin (2002, p. 86) lembra: “Demorou muito tempo até que se desse conta que as crianças não são homens ou mulheres em dimensões reduzidas [...]”. Entendemos então, o quanto é necessário o exercício de diálogo sobre o papel da educação com os diferentes atores sociais envolvidos direta ou indiretamente na escola para construir esse entendimento e superar determinadas crenças.

4. CONCLUSÕES

Desenvolver um trabalho pedagógico na educação infantil durante esse período pandêmico é um desafio complexo e, para tal, demanda também soluções complexas. Não buscamos com essa reflexão defender um posicionamento específico ou assegurar o direito de unicamente um dos atores envolvidos na questão. Pretendemos através desta reflexão dar visibilidade para a subjetividade das famílias que estão vivenciando esse processo de ensino remoto, a fim de compreender as crenças que fundamentam a perspectiva dos familiares em relação

ao trabalho da escola e também colocando assim em prática o papel político, social e científico da universidade na sociedade.

Os achados da pesquisa, observados através do posicionamento das famílias no questionário encaminhado, nos indicam o quanto a educação infantil ainda é representada apenas pelo viés do ensino, por práticas que resultem em marcas verificáveis, como é o caso das atividades impressas em folhas.

Sarmiento (2003, p. 14) aponta

As crianças desenvolvem a sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo que as situações que imaginam lhes permite compreender o que observam, interpretando novas situações de modo fantasista, até incorporarem como experiência vivida e interpretada.

É possível imaginarmos que o cumprimento das atividades escolares, utilizadas no momento, carecem dessa imaginação e experimentação que em um ambiente adequado, no caso a escola, talvez fossem efetivamente desenvolvidas. Por fim, através do questionário respondido pelas famílias, pudemos averiguar a compreensão acerca do trabalho de ensino remoto que vem sendo desenvolvido nas escolas no que se refere ao posicionamento delas em relação ao papel do professor entendido pela maioria das famílias como suficiente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- GOLDENBERG, M. **A arte pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências sociais**. Rio de Janeiro, 2004.
- NOVAES, A. **Mutações: a invenção das crenças**. Edições Sesc, 2015.
- SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Revista do Programa de Pós Graduação em História UFRGS**, Porto Alegre. v.27.
- SARMENTO. M.J. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação. 2003 Jul;12(21).
- SARMENTO. M.J. (2001): “A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade”, In: Garcia. R. L. e Filho. A. L. (orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001(13-28).
- YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.